

Conversas & Controvérsias



e-ISSN: 2178-5694

Revista de Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais
Escola de Humanidades
Departamento de Ciências Sociais e
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Cartografias da Paragem: Desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida

Stopping time cartography: contemporary youth demobilizations and the redesign of life forms

Edegaro de Freitas¹

Referência completa da obra resenhada: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (coordenadora). **Cartografias da paragem: Desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida.** Rio de Janeiro: Gramma, 2016. 156 p.

Resumo

A obra a que se refere a presente resenha, nominalmente, "Cartografias da Paragem – Desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida", conforme apontam os autores, é fruto de pesquisas realizadas entre os anos de 2013 e 2016 no âmbito do CESAP (Centro de Estudos Sociais Aplicados), vinculado ao IUPERJ-UCAM, sob a coordenação da professora Maria Isabel Mendes de Almeida.

Palavras-chave: juventude; mobilizações; participação.

Abstract

This review refers to the book "Stopping time cartography - contemporary young demobilizations and the redesign of life forms" that, as the authors point out, is the result of researches carried out between the years 2013 and 2016 in the scope of CESAP (Center for Applied Social Studies), linked to IUPERJ-UCAM, under the coordination of Professor Maria Isabel Mendes de Almeida.

Keywords: Youth; Mobilization; participation.

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Auxiliar de pesquisas no Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Cândido Mendes. E-mail: edegardofreitas@gmail.com



A obra a que se refere a presente resenha, nominalmente, *“Cartografias da Paragem – Desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida”*, conforme apontam os autores, é fruto de pesquisas realizadas entre os anos de 2013 e 2016 no âmbito do CESAP (Centro de Estudos Sociais Aplicados), vinculado ao IUPERJ-UCAM, sob a coordenação da professora Maria Isabel Mendes de Almeida.

Dessa forma, o trabalho em análise se dedica a abordar as práticas juvenis que se contrapõem à máxima da modernidade de *“mobilização infinita”* (SLOTERDIJK, 2002, p. 33). Tal definição está intimamente relacionada com o movimento cinético que mais bem se fez representar a Era Moderna, a ideia de progresso, ou seja, o “passo” que leva ao incremento da “capacidade de dar mais passos” (SLOTERDIJK, 2000, p.32-33), de tal modo que, como os autores encontraram em Sloterdijk (2000), a modernidade engendra, necessariamente, o ser para o movimento.

O livro parte destas premissas reunindo textos elaborados numa perspectiva multidisciplinar, onde cada capítulo pode ser analisado individualmente, sem comprometer a interpretação do leitor. No capítulo introdutório *“Das solidões deliberadas às desmobilizações táticas: rastreamento descritivo de um processo de pesquisa”*, além de apresentar-nos as questões metodológicas presentes durante a pesquisa, os pesquisadores Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio e Rafael Bispo, nos trazem o conceito-chave que estará presente ao longo da obra. No que se refere aos recursos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa, os autores utilizaram o que Latour (2012, p.248-249) chamou de “rastreamento descritivo”, tal abordagem se diferencia no âmbito das Ciências Sociais por não partir de pré-delineamento do grupo a ser pesquisado, baseando-se na lógica da similaridade operacional. O que congrega tal “similaridade” é o conceito inovador cunhado pelos pesquisadores de *“Desmobilização”*. Este conceito, fruto da intensa pesquisa, é a base sobre a qual repousa este livro e todos os demais conceitos nele presentes.

No texto seguinte, *“Horizontes da finitude – desmobilização e atualizações da resistência nas juventudes contemporâneas”* as autoras já citadas, partindo de uma leitura a respeito da hegemonia dos valores capitalistas, observam como se atualizam as formas de reação juvenis, onde em contraposição à mobilização e resistência dos jovens nos anos 1960 e 1970, encontramos no jovem contemporâneo a desmobilização e a resiliência, de modo que o contraponto ao sistema se faz em suas brechas. De tal sorte que Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugênio inovam ao perceber que há também um movimento de *“desmobilização”* juvenil, onde “deixando de responder à mobilização com mais mobilização, as desmobilizações abrem espaço para a exploração diminuta e sutil de outras formas de vida” (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2016, p.30). Ou seja, não numa perspectiva negativizada da desmobilização, mas compreendendo que tais processos fazem parte de um repertório de alternativas à hegemonia do capital. Portanto, frente à *“mobilização infinita”* (SLOTERDIJK, 2002, p. 33) comum à modernidade, a desmobilização é utilizada pelos jovens de modo a garantir em suas práticas individuais a anti reprodução dos modelos do capital (ALMEIDA;

EUGÊNIO, 2016). Outro conceito interessante cunhado pelas autoras, e que faz parte desse vasto repertório de desmobilização, é “o virar”, que:

[...] converte-se na ferramenta tática capaz de expressar o sutil divisor entre o imperativo da “escolha que exclui todas as outras”, preconizado pela modernidade (ou o destino militante da luta armada ou o enquadramento acríptico ao sistema) e a “escolha que não desescolhe”, ou seja, que se remete indefinidamente à lógica das combinações arbitrárias da pós-modernidade. (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2016, p. 51)

Destarte, partindo de um longo repertório de pesquisas realizadas, as autoras reconstituem esse processo de mudança nos modos de agir e (des)mobilizar-se juvenil.

Na sequência, em “*Tomar distância – reinvenções do êxodo, composições situadas e resiliências*”, Maria Isabel Mendes de Almeida discorre a respeito das práticas possíveis de “desligamento” dos jovens na vida cotidiana, sejam tais ações relacionadas ao âmbito virtual, ou ao deslocamento territorial. Ou seja, partindo dos corolários cristalizados no capítulo anterior, a autora nos traz a definição das práticas de “tomar distância”, entendidas como atos de paragem e recuo, medidas também inseridas no repertório das desmobilizações. Para demonstrar tais práticas de distanciamento a autora nos traz as experiências de jovens que acionam medidas de inoperosidade, seja se retirando do ambiente online, no caso o Facebook, ou nos retiros de silêncio. Posto que são práticas “táticas”, e não padrões de vida (como já vimos no caso do *virar* não há a necessidade de escolher-se entre uma coisa e outra), a autora lança mão, em grande parte do capítulo, da análise de práticas variadas de nomadismos.

Em “*Nas malhas da solidão-ação – vivências jovens da solitude*”, Rafael Bispo se empenha em ressignificar as condições de solidão entre os jovens, observando esta prática também como um modo de paragem e distanciamento. O autor se utiliza da análise de movimentos de “*afastamentos temporários*” (BISPO, 2016, p. 87), tal qual nos capítulos anteriores, porém na perspectiva da solidão. Uma vez que esta solidão temporária é ativada pelos jovens, o autor as trata por “*solidão-ação*” (BISPO, 2016, p. 88) que se expressam também nas práticas de deslocamento da cidade para o campo ou de retiros de silêncio. Assim sendo, Bispo parte da análise da temática da solidão nas Ciências Sociais identificando – e demonstrando fartamente – que a solidão é tratada em duas perspectivas, uma negativa, quando está relacionada à “solidão acontecida”, portanto alheia a vontade do indivíduo, ou positiva, quando se trata de uma “solidão deliberada”, neste caso escolha arbitrária do indivíduo. Adiante, a ideia do autor é borrar estes limites, posicionando as experiências jovens num continuum entre as tais solidões acontecida e deliberada. Para isso, o autor retoma as experiências de retiros de silêncio ou êxodos urbanos onde que a ocorrência da solidão é também ocasional, improvisada, portanto deliberada e acontecida.

Por fim, dando continuidade a discussões inauguradas no capítulo anterior, em “*Erótica das distâncias – por uma ética do bem viver junto*” Rafael Bispo e Oswaldo Zampiroli observam as práticas juvenis de conciliação entre viver só e socialização, onde os jovens em suas relações

afetivas se utilizam de ações virtuais ou reais que garantam a cada um, a sua “idiorritimia”, ou seja, garantir o seu próprio tempo. Tais práticas se caracterizam pela busca do justo-meio entre viver junto e viver sozinho, ao mesmo tempo sem que uma coisa exclua a outra. Os autores empregam parte do material etnográfico da pesquisa em que os entrevistados são jovens de classe média do Rio de Janeiro instigados a discorrer a respeito de relações afetivas. Para responder a leitura da realidade ali encontrada os autores valem-se do conceito de “erótica das distâncias” (BARTHES, 2003, p. 74) que seria a construção de uma rede afetivo-sexual onde o indivíduo estabelece suas relações de forma “dosada”. Deste modo, os autores identificam que os jovens anseiam em suas relações, amorosas ou de amizade, por momentos de “respiros”, “espaços”. Além disso, neste capítulo aborda-se o uso das tecnologias digitais para a garantia destas práticas “idiorrítmicas”.

Podemos observar que o pano de fundo da construção desta obra é a hegemonia dos valores capitalistas, a partir de onde os autores lançam luz sobre as estratégias de respostas anti-sistêmicas encampadas pelos jovens – no caso as variadas ações pertencentes ao repertório das *desmobilizações*. Esta interpretação vai de encontro às demais leituras referentes a este tempo histórico, como a de Harvey (2012), para quem a dominação pelo capital – em particular o capital financeiro – dos *aparelhos ideológicos e aparelhos repressivos* do Estado (POULANTZAS, 1980), desencadeia pelo globo movimentos tal qual o Occupy Wall Street. Já na análise de Castells (2013), tais movimentos, seja o Occupy no Estados Unidos, ou o Indignados na Espanha, partem da lógica da horizontalidade, sem lideranças. Para o autor, esta perspectiva é fruto tanto da descrença nas formas de governo e partidos tradicionais quanto da experiência de interação dos indivíduos nas redes sociais digitais, onde impera a lógica de participação direta. Castells (2013) também aborda os limites de tais mobilizações que não apresentam demandas concretas, fazendo com que o movimento em si se torne a mensagem a ser transmitida. Ou seja, o que estava posto até então é que a única forma de se fazer frente ao capitalismo é por meio de mobilização, desconsiderando parte significativa da juventude que, ao contrário de não mobilizar-se, desmobiliza-se.

Por fim, na análise que nos cabe, por se tratar de um livro construído numa perspectiva multidisciplinar, é de extrema pertinência recomendarmos esta obra a qualquer interessado sobre as formas de atuação juvenil frente à hegemonia do capital, mas em particular às áreas relacionadas às Ciências Sociais. Os textos trazem conceitos inovadores e de importância capital para designar a realidade fartamente analisada na obra. São definições que pegam o leitor de surpresa por estarem fora do “lugar comum” das ciências sociais, além de se utilizarem de referências de distintas áreas, como, por exemplo, a cinética – o que inclusive pode ser de difícil entendimento num primeiro momento. Entretanto, após a familiaridade com o tema e o aprofundamento nos dados empíricos bastante explorados ao longo dos textos, percebe-se que esta obra é indispensável no que se refere à atualização da reflexão acerca dos modos de agir e pensar juvenis.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (coordenadora). **Cartografias da paragem:** Desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016. 156 p.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros – 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 272 p.

HARVEY, David *et al.* **Occupy:** movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 88 p.

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o poder, o socialismo.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. 308 p.

Recebido: 01/02/2018

Aceito: 17/04/2018

Publicado: 28/09/2018